Ansell

COMPREENDER O INCUMPRIMENTO

A razão pela qual os trabalhadores dispensam a proteção das mãos e o que pode ser feito para acabar com maus hábitos

HyFlex®

COMPREENDER O INCUMPRIMENTO

As estatísticas relativas a lesões nas mãos podem transmitir um cenário interessante, porém incompleto. Ao considerar os riscos no ambiente profissional industrial, o incumprimento encontra-se entre os mais comuns e perigosos. Demasiados trabalhadores recusam-se a usar luvas ou usam as luvas erradas para o trabalho, sendo que existem três razões comuns para tal: (1) conforto – ou mais precisamente, desconforto; (2) fraco desempenho – as luvas não fornecem a aderência ou destreza necessária para realizar devidamente o trabalho; e (3) hábitos enraizados.

Tratam-se de poderosos desincentivos. Quer se trate de uma cadeira desconfortável ou de sapatos que magoam, o desconforto leva a mudanças: sapatos novos, uma cadeira diferente ou – de maior relevância para este tema – descalçar ou escolher um par de luvas diferente. Agora, imagine tentar trabalhar com porcas e parafusos minúsculos enquanto usa luvas espessas e rígidas. Mesmo que essas luvas protejam as mãos contra cortes, a frustração crescente devido à queda de parafusos pode eventualmente fazer com que até os trabalhadores mais sensibilizados para a segurança as descalcem em desespero.

OS HÁBITOS TÊM UM EFEITO PODEROSO SOBRE O COMPORTAMENTO E PODEM LEVAR A PRÁTICAS PERIGOSAS, ESPECIALMENTE EM AMBIENTES INDUSTRIAIS.

Hábito. Trata-se de uma palavra inocente, mas o poder do hábito sobre o comportamento é grande. A ciência revela que os hábitos se criam porque o nosso cérebro procura formas de reduzir o esforço.[1] Sempre que o cérebro converte uma rotina num hábito, permite que a nossa mente descontraia – ou seja, que basicamente "desligue" parte da atividade consciente. Esta pode ser uma prática perigosa, especialmente em ambientes industriais – quantos acidentes graves resultaram da repetição de tarefas pelos trabalhadores? Para os efeitos deste debate, quão enraizados estão os hábitos relacionados com a proteção das mãos?
Tudo isto importa, porque os trabalhadores fazem escolhas semelhantes todos os dias. Eles decidem se irão usar luvas ou descalçar as luvas por qualquer razão. A sua zona de conforto no que toca a EPI é formada ao longo do tempo e é determinada tanto por familiaridade e hábito como por dados objetivos relativos a desempenho e segurança. O desafio de introdução de luvas novas, tecnológica e comprovadamente melhores, pelos fabricantes de EPI é considerável. Para promover mudanças comportamentais significativas, têm não só de fornecer uma luva melhor, mas também instruir os trabalhadores e os responsáveis que gerem a seleção de EPI.

PARA PROMOVER MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS SIGNIFICATIVAS, OS FABRICANTES DE EPI TÊM DE DAR INSTRUÇÃO SOBRE HÁBITOS ADEQUADOS NO LOCAL DE TRABALHO.

Isto já aconteceu anteriormente. As luvas de hoje têm poucas semelhanças com aquelas usadas há 30 anos. Compreender o que deu origem a mudanças anteriores é um bom ponto de partida, à medida que tentamos avaliar como implementar mudanças nos dias de hoje.

1 Duhigg, Charles. (2012) "The Power of Habit: Why We Do What We Do in Life and Business". New York: Random House.

A EVOLUÇÃO DA PROTEÇÃO DAS MÃOS

Houve tempos em que a proteção das mãos era, na melhor das hipóteses, uma reflexão tardia. Eventualmente, impelidos por queimaduras ou arranhões frequentes ou talvez por um desejo de manterem as mãos limpas, os trabalhadores começaram a usar luvas para tarefas simples – tipicamente em algodão, lona ou cabedal. Durante várias décadas, essa foi a norma na maioria dos ambientes industriais – e ainda existem trabalhadores que continuam a optar por essas luvas. As mesmas fornecem escassa proteção e o seu desempenho típico é consideravelmente mais fraco do que luvas mais avançadas – porém, como vimos anteriormente, é difícil acabar com velhos hábitos.

Mas as coisas mudaram e os ambientes de trabalho atuais estão repletos de homens e mulheres que usam luvas mais avançadas, concebidas para um melhor desempenho e proteção. O que suscitou estas mudanças?

Ao analisarmos os padrões de compra, verificamos que modificações significativas coincidem com avanços em termos de materiais e conceção. A venda de luvas cortadas e cosidas em cabedal tradicionais começou a cair pouco tempo depois da introdução de luvas revestidas tricotadas. Não foi imediato, mas os trabalhadores e os responsáveis por EPI acabaram por reconhecer o melhor ajuste, desempenho e proteção das luvas revestidas. Mais recentemente, constatámos as mesmas mudanças promovidas pela tecnologia no mercado, a trilhar caminho para a introdução de novos materiais com Kevlar®, aço envolto em Kevlar e polietileno de alto desempenho. Estes avanços melhoram drasticamente a resistência aos cortes e o mercado acabou por reagir.

MODIFICAÇÕES SIGNIFICATIVAS COINCIDEM COM AVANÇOS EM TERMOS DE MATERIAIS E CONCEÇÃO – E PERMITEM UM MELHOR DESEMPENHO E PROTEÇÃO.

Será a resposta tão simples como "os materiais promovem a mudança"? Não exatamente. É evidente que materiais de alto desempenho aplicados de formas que melhoram o desempenho sem comprometer o conforto contribuem para a mudança. Mas atribuir mudanças comportamentais de larga escala a melhorias nos materiais das luvas é um pouco simplista. Temos também de considerar mudanças nos ambientes industriais.

Sabemos que houve uma diminuição no fabrico tradicional ao longo dos últimos 30 anos[2], mas – igualmente importante – os ambientes de fabrico (basta pensar no fabrico avançado) e as tarefas desempenhadas pelos trabalhadores mudaram. Assistimos a uma evolução de "operário" para "técnico", sendo que os fabricantes avançados excluíram grande parte do trabalho físico do processo. Trabalhadores que passavam anteriormente o dia a deslocar chapas de metal e a operar equipamentos pesados tornaram-se especialistas técnicos e artesãos qualificados a trabalhar com ferramentas que exigem um elevado nível de precisão. Isto é válido para tudo, desde televisões a carrinhas de caixa aberta.

AO LONGO DOS ÚLTIMOS 30 ANOS, PROCESSOS AVANÇADOS DE FABRICO SUBSTITUÍRAM O TRABALHO DE ROTINA TRADICIONAL, MUDANDO AS NECESSIDADES DE EPI DOS TRABALHADORES.

Com a consciência de que, como é evidente, as necessidades de EPI desses trabalhadores mudaram. Destreza e movimentos musculares finos são mais importantes do que nunca. Avanços na conceção e nos materiais das luvas melhoraram indubitavelmente a segurança dos trabalhadores, mas também acompanharam de perto as necessidades de uma força laboral em evolução. Terá um dos factos anteriores sido mais importante do que o outro? E será que qualquer uma dessas vantagens teria tido efeito sobre o mercado se um conforto adequado não fizesse parte do pacote? Mais importante ainda, será que qualquer um destes avanços mudou significativamente o comportamento dos trabalhadores no que diz respeito ao cumprimento?

70% DOS TRABALHADORES QUE SOFRERAM LESÕES NAS MÃOS NÃO USAVAM LUVAS NA ALTURA DA LESÃO.

A resposta à última pergunta parece ser "não". Ou, no mínimo, "não muito". De acordo com dados do instituto norte-americano de estatísticas do trabalho (OSHA, administração de saúde e segurança no trabalho dos EUA), "70 por cento dos trabalhadores que sofreram lesões nas mãos não usavam luvas quando se lesionaram. Os outros 30 por cento usavam luvas que não eram adequadas, estavam danificadas ou eram do tipo errado para o perigo existente".[3] Trata-se de uma estatística frustrante não só para os fabricantes de luvas, mas também para qualquer pessoa que se preocupe com a segurança no trabalho.

Isto volta a remeter-nos para perguntas sobre hábitos. Portanto, vamos aprofundar esse tema.

2 cnsnews.com. "7,231,000 Lost Jobs: Manufacturing Employment Down 37% From 1979 Peak", 12 de maio de 2015. Disponível online em: www.cnsnews.com/news/article/terence-p-jeffrey/7231000-lost-jobs-manufacturing-employment-down-37-1979-peak
3 Ministério do Trabalho dos EUA. Administração de saúde e segurança no trabalho dos EUA (OSHA), 59 FR 16339, 6 de abril de 1994 (preâmbulo). Disponível online em: https://www.osha.gov/pls/oshaweb/owadisp.show_document?p_table=PREAMBLES&p_id=1021

COMPREENDER OS HÁBITOS

Temos tendência a aperceber-nos de maus hábitos – roer as unhas é evidentemente um deles e a obsessão pelo telemóvel é outro exemplo mais recente – porém, também existem bons hábitos. Escovar os dentes ou verificar se as portas estão trancadas antes de ir para a cama são alguns exemplos de bons hábitos. Em todos estes casos – maus ou bons hábitos –, a tarefa é habitualmente realizada sem pensar. Quantas vezes saiu de carro para a rua e ficou na dúvida sobre se tinha ou não fechado o portão da garagem? É algo difícil de lembrar, porque é uma tarefa habitual realizada de forma inconsciente.

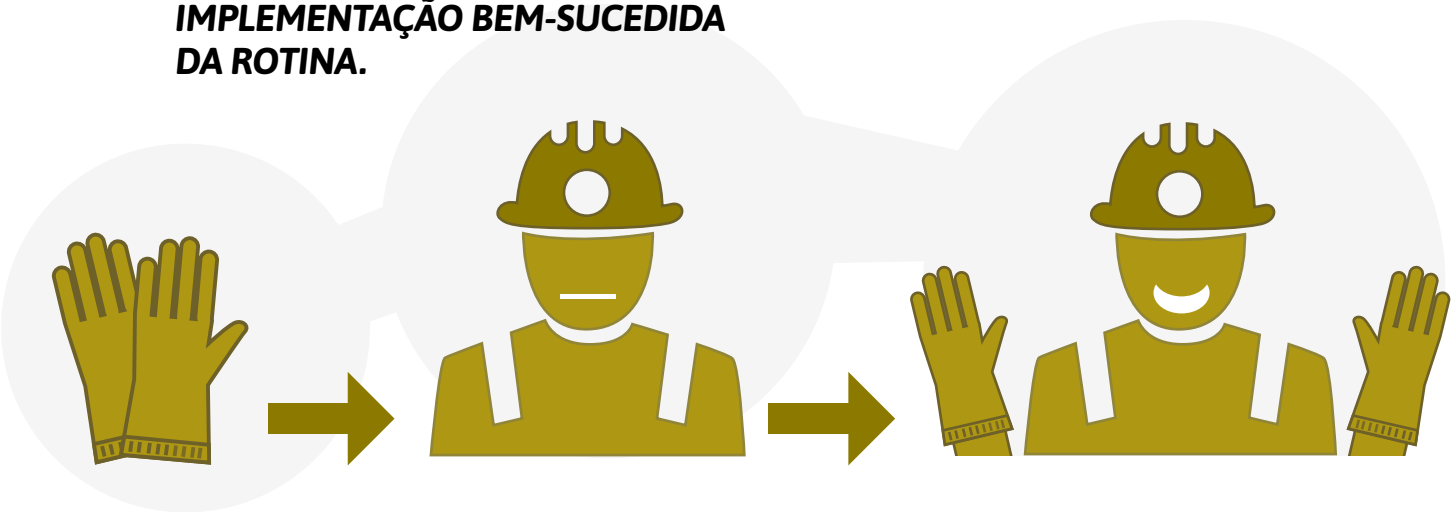
Faz parte do funcionamento normal do cérebro. Os hábitos formam-se quando o cérebro ativa os gânglios basais, uma área do cérebro no córtex pré-frontal que controla os movimentos e as emoções.[4] Charles Duhigg, um jornalista do The New York Times, estudou a fisiologia e a psicologia dos hábitos e escreveu um livro sobre o tema, intitulado "The Power of Habit: Why We Do What We Do in Life and Business" (O poder do hábito: por que fazemos o que fazemos na vida e nos negócios). Ele identificou o que designa de "ciclo do hábito", que começa com um sinal que incita o cérebro a converter um comportamento numa rotina automática. Isto é seguido pela rotina do comportamento e finalmente pela recompensa – um estímulo positivo que indica ao cérebro que a rotina funciona e deve ser seguida. Quando este ciclo é concluído, o cérebro pode desligar-se e deixar que o corpo conclua a tarefa mais ou menos em piloto automático.[5]

UM HÁBITO É UM COMPORTAMENTO CONVERTIDO NUMA ROTINA AUTOMÁTICA, CONFIRMADO PELA IMPLEMENTAÇÃO BEM-SUCEDIDA DA ROTINA.

Os hábitos são coisas poderosas. No seu livro, Duhigg conta a história de Eugene Pauly, um homem que perdeu a porção medial do lobo temporal do seu cérebro devido a uma doença, o que eliminou totalmente a sua capacidade de memória a curto prazo. Ele não conseguia fixar nada por mais de um minuto, significando que estava constantemente a repetir as suas palavras e atos. Não conseguia dizer onde vivia, nem sequer onde se situava a cozinha em sua casa.

Sensivelmente à mesma hora todos os dias, a mulher de Pauly acompanhava-o num passeio à volta do quarteirão. Um belo dia, preparou-se para o passeio mais tarde do que o habitual, apercebendo-se entretanto de que Pauly tinha desaparecido. Após 15 minutos de desespero, ele entrou em casa pelo seu próprio pé, após ter dado a volta ao quarteirão sozinho. Apesar de ser totalmente incapaz de desenhar qualquer tipo de mapa aproximado do quarteirão ou de se lembrar onde morava, aquele passeio à volta do quarteirão tinha-se tornado um hábito. O seu passeio nesse dia provou que os hábitos se formam e atuam de forma completamente autónoma da parte do cérebro responsável pela memória.[6]

Isto é importante, porque temos de compreender que os comportamentos se podem tornar habituais fora de qualquer processo ativo de raciocínio. Para os nossos fins, o cérebro pode saber que uma luva fornece proteção, mas se descalçar a luva se tiver tornado um hábito – independentemente do motivo –, esse conhecimento pode não importar.



4 MIT News. "How the brain controls our habits", 29 de outubro de 2012. Disponível online em: http://news.mit.edu/2012/understanding-how-brains-control-our-habits-1029
5, 6 Duhigg, Charles. (2012) "The Power of Habit: Why We Do What We Do in Life and Business". New York: Random House.

MUDAR HÁBITOS COM SUCESSO

Outro exemplo da formação de hábitos é relatado no livro de Duhigg, "The Power of Habit: Why We Do What We Do in Life and Business"[7], com base numa experiência na Alcoa Inc. Em outubro de 1987, a Alcoa era uma empresa em sérias dificuldades. Bastante criticada pela fraca qualidade e por uma força laboral lenta, os esforços iniciais da empresa visando implementar melhorias de qualidade culminaram numa greve entre os seus 15 000 funcionários. A Alcoa necessitava de mudanças radicais, algo que o novo diretor executivo, Paul O'Neill, conhecia bem. Foi por este motivo que o facto de O'Neill se ter concentrado na segurança dos trabalhadores durante o seu primeiro discurso aos investidores suscitou tanta surpresa. Ele referiu que pretendia tornar a Alcoa um local de trabalho com zero lesões e deixou esse ponto claro ao indicar as saídas de emergência na sala e dar instruções sobre como sair do edifício em caso de emergência. Todos acharam que o tema era uma opção algo estranha para o seu primeiro discurso como diretor executivo.

Contudo, O'Neill compreendia a dificuldade de mudar comportamentos – em particular, comportamentos que se haviam tornado hábitos. Em vez de se concentrar em grandes mudanças, ele decidiu focar-se numa única área, com a crença de que uma mudança em hábitos relacionados com algo pequeno poderia suscitar mudanças mais substanciais. A estratégia visava aquilo que os especialistas denominam de "hábito fulcral". Este é um hábito que causa uma reação em cadeia, acabando por influenciar vários hábitos.

Na Alcoa, isto começou por um ciclo do hábito melhorado relacionado com as lesões dos funcionários. O'Neill mudou os requisitos de reação na eventualidade de uma lesão. Ele pediu aos presidentes das unidades que enviassem relatórios de lesões e planos de ações preventivas no prazo de 24 horas após a ocorrência da lesão, tendo tornado as promoções dependentes do cumprimento deste requisito.

Estas mudanças transformaram o registo de segurança da Alcoa, passando de sensivelmente um acidente por semana em cada fábrica quando O'Neill começou como diretor executivo para uma taxa de lesões de cerca de 5 por cento da média nacional quando se reformou, 11 anos mais tarde. Mesmo que esse tivesse sido o único resultado, as mudanças já teriam sido um imenso sucesso. Contudo, para além do registo de segurança ter melhorado, o mesmo sucedeu com o desempenho financeiro da empresa. As receitas da Alcoa cresceram 500 por cento e a sua capitalização de mercado aumentou para 27 mil milhões de dólares ao longo do mesmo período. Porquê?

UMA SEGURANÇA MELHORADA PROMOVE UMA MAIOR QUALIDADE DO TRABALHO E UMA MELHOR RELAÇÃO CUSTO/ DESEMPENHO.

Ao mudar o hábito fulcral, O'Neill visava mudanças significativas em outros comportamentos dos funcionários. Para cumprir a regra de 24 horas de O'Neill relativa à comunicação de lesões, os presidentes das unidades tinham de ser informados pelos seus vice-presidentes de forma quase imediata após a ocorrência de cada lesão. Isto significava que os vice-presidentes tinham de estar em constante comunicação com os gestores de produção. Estes gestores de produção, incentivados por vice-presidentes mais envolvidos, colaboravam cada vez mais com os trabalhadores em práticas melhoradas de segurança. Esta comunicação ativa a todos os níveis não só melhorou o registo de segurança da Alcoa, como também deu origem a uma melhor qualidade do trabalho e a uma maior eficiência. E tudo começou com a mudança de alguns hábitos.

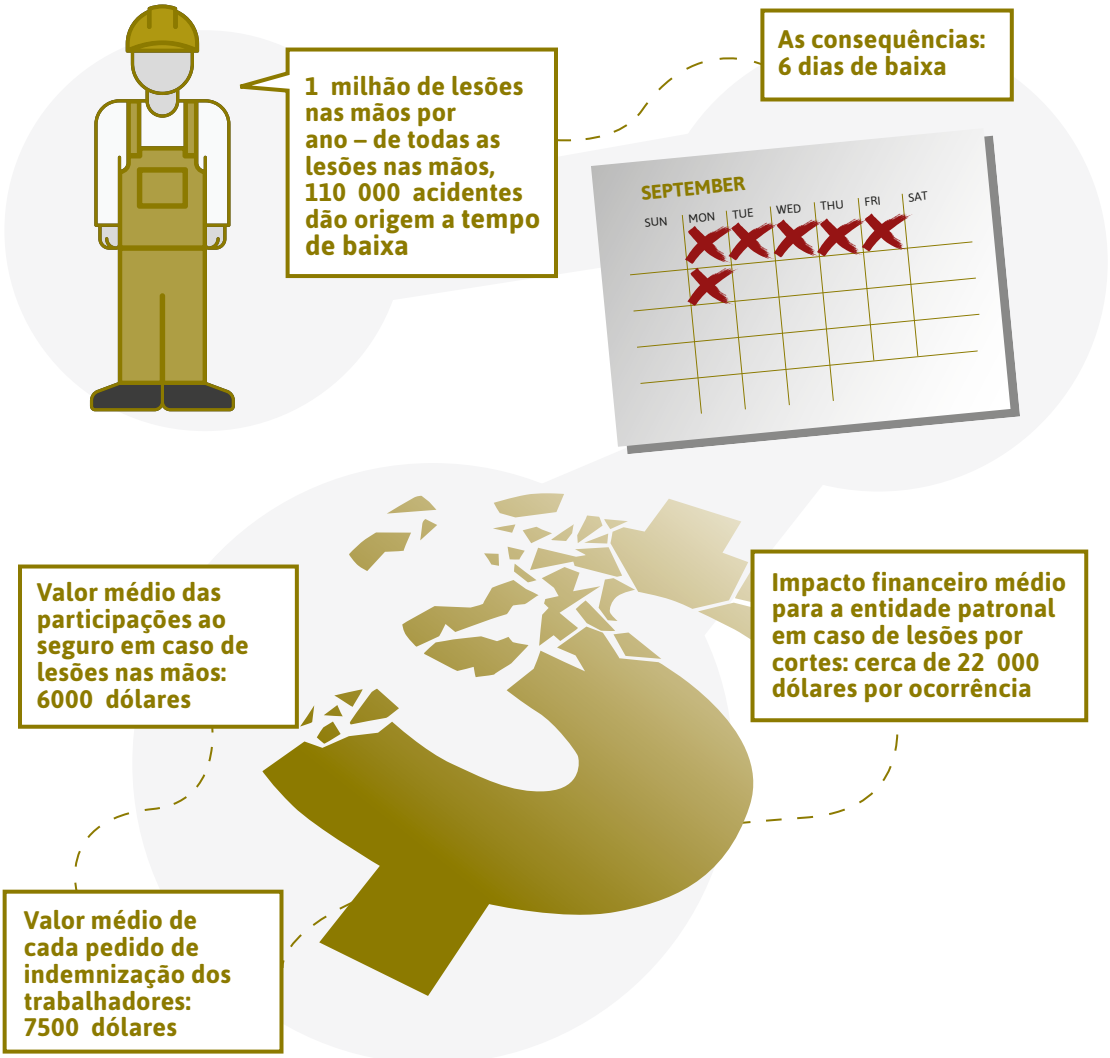
7 Duhigg, Charles. (2012) "The Power of Habit: Why We Do What We Do in Life and Business". New York: Random House.

INCUMPRIMENTO E LESÕES NAS MÃOS

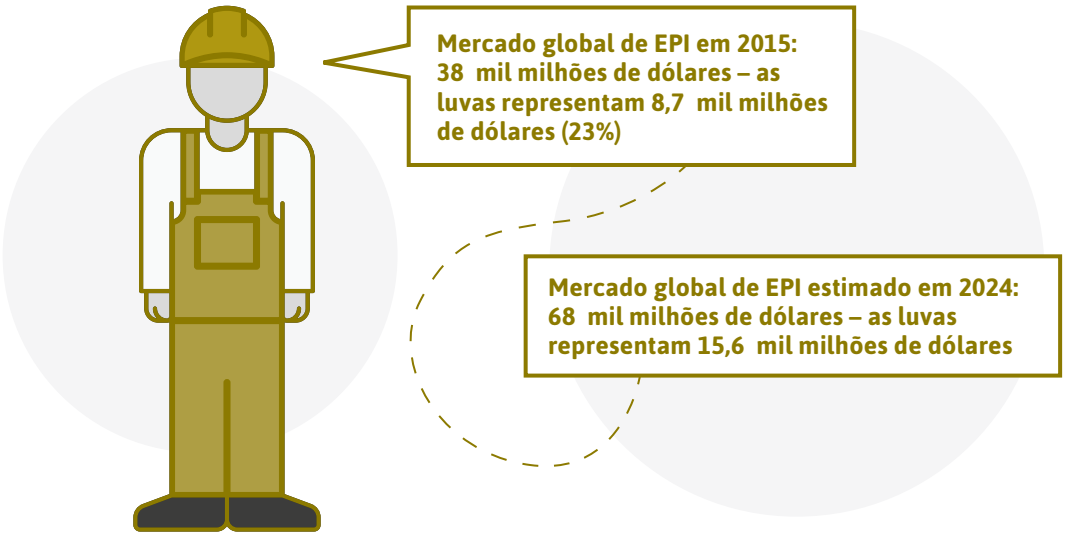
Sempre que as mãos de um trabalhador estão expostas, estão em risco. Existem cerca de duas dúzias de ossos em cada mão, para além de músculos, tendões, ligamentos, artérias, veias e nervos – na prática, muita coisa pode correr mal e a lesão pode ser grave. De acordo com o instituto norte-americano de estatísticas do trabalho, mais de um milhão de trabalhadores dão entrada nas urgências todos os anos com lesões nas mãos e cerca de 110 000 lesões nas mãos resultam em baixas médicas.[8] As lesões nas mãos resultam, em média, em seis dias de baixa, o valor médio das participações ao seguro é de cerca de 6000 dólares e o valor médio de cada pedido de indemnização dos trabalhadores é de 7500 dólares. Em termos globais, as mãos representam 13 por cento de todas as lesões industriais, sendo que os cortes, em particular, podem ser onerosos – tendo um impacto financeiro médio sobre as entidades patronais de quase 22 000 dólares por acidente. Mais especificamente, o conselho nacional de segurança dos EUA indica que o custo direto de uma laceração na mão é de 10 000 dólares e aquele de um tendão cortado superior a 70 000 dólares.[9]

SEMPRE QUE AS MÃOS DE UM TRABALHADOR ESTÃO EXPOSTAS, ESTÃO EM RISCO.

Essas informações não se perdem junto dos responsáveis por EPI. O mercado global de EPI estava avaliado em cerca de 38 mil milhões de dólares em 2015, sendo que as luvas representavam 23 por cento, ou seja, cerca de 8,7 mil milhões de dólares. Prevê-se que o mercado ultrapasse os 68 mil milhões de dólares até 2024.[10] Não obstante, sabemos que, segundo dados do supracitado instituto norte-americano de estatísticas do trabalho, 70 por cento das lesões profissionais nas mãos ocorrem em trabalhadores que não usam luvas.



8 Instituto norte-americano de estatísticas do trabalho; https://www.bls.gov/iif/
9 2014, conselho nacional de segurança dos EUA. Dados de lesões de 2014.
10 https://www.grandviewresearch.com/press-release/global-personal-protective-equipment-ppe-market



Então, onde está a discrepância?

Eis um mal-entendido comum acerca do incumprimento: não é o facto de 70 por cento dos trabalhadores nunca usarem luvas (a OSHA afirma que o valor real é de cerca de 36 por cento, que não deixa de ser absurdamente elevado). O problema mais significativo é o facto de os trabalhadores descalçarem as luvas em momentos cruciais durante o dia de trabalho. E esse comportamento pode estar relacionado com o hábito.

Os trabalhadores podem usar luvas para carregar equipamentos ou materiais de grande dimensão e depois descalçá-las de forma inconsciente para apanhar ferramentas ou ferragens. Trata-se de um comportamento residual de uma época em que luvas de trabalho volumosas dificultavam ou impossibilitavam movimentos mais precisos. Não é invulgar ver trabalhadores descalçarem as luvas para assinar recibos ou notas de entrega ou para espreitar o telemóvel – todos estes comportamentos podem tornar-se habituais.

AS NORMAS EN RELATIVAS À PROTEÇÃO DAS MÃOS SÃO UM INSTRUMENTO DO PROCESSO DE SELEÇÃO DE LUVAS.

As normas EN relativas à proteção das mãos são uma ferramenta fundamental e útil ao escolher luvas. As mesmas ajudam os utilizadores a definir as limitações de uso. Contudo, mesmo que as normas se baseiem em testes realizados em condições de laboratório, nem sempre conseguem replicar condições da vida real.

Portanto, é necessário empreender mais algumas medidas – e estes requisitos regulamentares fundamentais da Diretiva Europeia[11] têm de ser tidos em consideração:

> **A diretiva europeia 89/391/CEE**
> Obrigações das entidades patronais. A entidade patronal aplicará as medidas previstas [...] com base nos seguintes princípios gerais de prevenção: adaptar o trabalho ao homem, especialmente no que se refere à conceção dos postos de trabalho, bem como à escolha dos equipamentos de trabalho e dos métodos de trabalho e de produção, tendo em vista, nomeadamente, atenuar o trabalho monótono e o trabalho cadenciado e reduzir os efeitos destes sobre a saúde.

11 http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=celex:31989L0391
http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=celex:31989L0656

A diretiva europeia 89/656/CEE

Disposições gerais.
Artigo 4.º, alínea n.º 3: As condições em que um equipamento de proteção individual deve ser utilizado, nomeadamente no que se refere à duração da utilização, serão determinadas em função da gravidade do risco, da frequência da exposição ao risco e das características do posto de trabalho de cada trabalhador, assim como do comportamento do equipamento de proteção individual.

Artigo 5.º, alínea n.º 1: Antes de escolher o equipamento de proteção individual, a entidade patronal deve proceder a uma apreciação do equipamento de proteção individual que pretende utilizar, para avaliar em que medida ele obedece às condições previstas nas alíneas n.º 1 e 2 do artigo 4.º.

> **Essa apreciação compreenderá:**
> **a)** a análise e avaliação dos riscos que não podem ser evitados por outros meios;
> **b)** a definição das características dos equipamentos de proteção individual em causa que estejam disponíveis, em comparação com as características referidas na alínea a), tendo em conta eventuais fontes de risco que os equipamentos de proteção individual possam constituir;
> **c)** a apreciação das características dos equipamentos de proteção individual em causa que estejam disponíveis, em comparação com as características referidas na alínea b).

A intenção é boa, mas existem lacunas claras – da definição de "equipamento de proteção individual adequado" à descrição lata de quando deve ser exigida proteção das mãos. Alguma perspetiva sobre estas questões pode depender das prioridades do responsável pela segurança – minimizar os riscos, reduzir os custos ou a segurança dos funcionários, entre as muitas considerações possíveis.

Portanto, em todo o mundo, é do interesse da entidade patronal realizar avaliações e determinar as soluções de proteção das mãos que são mais adequadas para as suas necessidades. É evidente que os fabricantes podem ajudar, ao fornecer informações e instrução sobre os vários métodos de teste para apoiar a seleção de luvas. Como tal, tanto as entidades patronais como os fabricantes estão a apoiar o importante enfoque na segurança dos trabalhadores.

PONTO DA SITUAÇÃO – E PERSPETIVA DO FUTURO

Estudos da Ansell indicam que 43 por cento dos trabalhadores não estão certos sobre se as luvas que usam protegem devidamente as suas mãos.[12] Independentemente do facto de os trabalhadores escolherem as luvas por si próprios ou usarem proteção das mãos fornecida pela entidade patronal, essa falta de sensibilização é um problema. Se não têm sequer a certeza de que as luvas que usam estão a funcionar, não será preciso muito para os fazer descalçar as luvas por completo. Trata-se de um problema de instrução – tanto para as entidades patronais como para os funcionários.

43% DOS TRABALHADORES NÃO ESTÃO CERTOS SOBRE SE AS SUAS LUVAS PROTEGEM DEVIDAMENTE AS SUAS MÃOS.

Há casos em que o incumprimento pode dever-se a lacunas nas tecnologias ou no desempenho das luvas. Os trabalhadores em ambientes onde estão presentes produtos químicos podem dar prioridade à proteção contra produtos químicos em detrimento da proteção contra os cortes, ou vice-versa. Não é invulgar ver trabalhadores a usar luvas finas de proteção contra produtos químicos por baixo de luvas resistentes aos cortes mais espessas; contudo, isto cria problemas distintos. As mãos ficam habitualmente quentes e transpiradas, o que leva o trabalhador a descalçar totalmente as luvas. Este era um problema tecnológico – um que está a ser abordado através de novos materiais e conceções de luvas.

O INCUMPRIMENTO PODE SER CAUSADO POR LACUNAS TECNOLÓGICAS OU DE DESEMPENHO NAS LUVAS – E RESOLVIDO COM NOVOS MATERIAIS E CONCEÇÕES.

Novas tecnologias de luvas estão a fornecer proteção multinível sem comprometer o conforto ou o desempenho. As conceções e os materiais mais avançados atuais podem fornecer uma proteção eficaz contra cortes e produtos químicos, preservando em simultâneo a aderência e a destreza necessárias para realizar tarefas intensivas ou ligeiras. Existem mais luvas multiusos disponíveis no mercado do que nunca, eliminando a necessidade de os trabalhadores descalçarem as luvas para a realização de tarefas diferentes, mas tornando a seleção de luvas adequadas ainda mais importante. Inovações recentes em termos de materiais e conceções resultaram em luvas mais finas com uma resistência aos cortes consistente com modelos muito mais espessos. Cada vez mais, conceções ergonómicas estão a dar origem a luvas que melhoram o desempenho e até reduzem o cansaço das mãos. E novos materiais e conceções estão a melhorar a aderência e a destreza, mesmo em ambientes oleosos.
Sabemos que avanços significativos na tecnologia podem dar origem a mudanças comportamentais, pelo que este é um passo positivo para uma melhoria do cumprimento. Porém, luvas melhores são apenas parte da solução. Para quebrar o "ciclo do hábito" identificado por Charles Duhigg, as entidades patronais têm de identificar e concentrar-se em hábitos fulcrais, ao descodificar os indícios que levam os trabalhadores a descalçarem as suas luvas e (sempre que possível) instituir práticas que incentivem maiores níveis de cumprimento.

PARA AUMENTAR O CUMPRIMENTO E QUEBRAR O "CICLO DO HÁBITO", AS ENTIDADES PATRONAIS TÊM DE IDENTIFICAR E CONCENTRAR-SE EM HÁBITOS FULCRAIS

Se tencionamos verdadeiramente redefinir a zona de conforto do trabalhador atual, serão necessários avanços tecnológicos nas luvas, bem como uma melhor instrução sobre práticas de segurança e uma abordagem bem mais ponderada e pró-ativa à mudança de comportamentos e à quebra de "ciclos do hábito" contraproducentes.

redefina a sua **ZONA DE CONFORTO™**

12 Estudo de investigação Ansell HyFlex de 2014.

Ansell, ® e ™ são marcas comerciais da Ansell Limited ou de uma das suas empresas associadas, salvo se indicado em contrário. Kevlar® é uma marca comercial da DuPont. Patenteada nos EUA e com patentes norte-americanas e internacionais pendentes: www.ansell.com/patentmarking. © 2017 Ansell Limited. Todos os direitos reservados.